

41º Encontro Anual da Anpocs

**SPG21 Movimentos sociais e suas interações com o Estado: conflitos,  
instituições e efeitos**

**PRIMAVERA SECUNDARISTA: OCUPAÇÃO DE ESCOLAS COMO FORMA  
CONTEMPORÂNEA DE ATIVISMO DAS JUVENTUDES DO ENSINO MÉDIO**

DANIELLY DA COSTA VILA REAL

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta informações preliminares teóricas e empíricas de uma pesquisa em andamento no mestrado de Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo intitulada “Primavera Secundarista: caracterizando o engajamento dos estudantes de Vitória – ES em 2016”. Após impeachment da presidente Dilma, o contexto político de ocupações secundaristas é composto pela Medida Provisória 746/2016 sobre reforma do Ensino Médio e a Proposta de Emenda Constitucional 55. Para caracterizar o engajamento nesta conjuntura crítica, a pesquisa em andamento está ancorada em duas dimensões: (1) os padrões organizacionais (observando seus repertórios de organização, de ação e performances) e (2) os padrões relacionais (analisando as redes e esferas da vida, onde são alfabetizados politicamente e construindo sua identidade militante). Para operacionalizar tais categorias analíticas, foram feitas observações simples e participantes, complementadas por questionários, entrevistas individuais e grupos focais aplicados aos estudantes de duas escolas selecionadas para um estudo de casos comparados por apresentarem diferentes perfis organizacionais e relacionais.

## **INTRODUÇÃO**

Na pesquisa “Primavera Secundarista: caracterizando o engajamento estudantil de Vitória – ES em 2016”, em andamento no mestrado de Ciências Sociais da UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, buscamos caracterizar o engajamento secundarista durante a série nacional de ocupações de escolas intitulada pelos estudantes como Primavera Secundarista.

Foram de mais de mil escolas secundaristas ocupadas em todo o país (VILELA, 2016), e no município de Vitória, o epicentro se deu na EEEFM Almirante Barroso em 21 de Outubro de 2016, estendendo-se para mais de 60 escolas em todo o Espírito Santo (FOLHA VITÓRIA, 2016), perdurando até 25 de Novembro de 2016, quando o último espaço foi desocupado: a SEDU - Secretaria Estadual de Educação.

Com esse “bombardeio” de informações, me restou um campo de pesquisa riquíssimo, uma temática em ascensão no mundo acadêmico e um desafio tão problemático quando gratificante: caracterizar o engajamento secundarista. Neste sentido, a pergunta que norteia este estudo é: “Como se caracterizam os engajamentos secundaristas no município de Vitória – ES durante a Primavera Secundarista em 2016?”.

O objetivo geral da pesquisa em andamento é caracterizar esse engajamento, buscando identificar, mais especificamente: quais são suas pautas? Quais são seus

repertórios/performances? Quais conhecimentos políticos os motivaram a se engajar em ocupações de escolas? Em quais esferas da vida foram construídos esses conhecimentos políticos? Que redes e esferas da vida motivam seu ativismo? É só um ativismo pontual ou perpetua-se uma militância?

O caminho metodológico começou em visitas para observações simples em 7 escolas que foram ocupadas pelos secundaristas no município de Vitória, e observações participantes em atos de rua. Nessas observações foram coletados e-mails para envio de questionários, traçando um perfil socioeconômico dos secundaristas engajados e captando opiniões individuais sobre a ocupação.

Após as observações simples e participantes, e análise dos questionários, identificamos que as escolas possuíam diferentes perfis e decidimos selecionar duas para um estudo de casos comparados (EEEM Colégio Estadual do Espírito Santo e EEEFM Almirante Barroso), por representarem diferentes formatos de engajamento: na maneira de se organizar e de se relacionar.



(Fonte: Facebook / Ocupa Estadual, Vitória-ES)



(Fonte: Facebook / Ocupa Almirante, Vitória-ES)

Por exemplo, na primeira escola, os alunos exibem bandeiras de organizações estudantis (como UBES e UESES) no muro da escola, além de alegarem naturalmente parcerias com partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais, enquanto na segunda escola se declaram “totalmente apartidários”.

O engajamento secundarista pode ser lido por diversas abordagens nas teorias de Movimentos Sociais, como a análise da estrutura organizacional e da estrutura relacional (GOHN, 1997). Aqui chamaremos as categorias analíticas escolhidas de padrão organizacional e padrão relacional. Na primeira categoria, as variáveis observadas serão os repertórios de organização, de ação e suas respectivas performances. Na segunda,

voltamos o olhar para as esferas da vida e redes de relações onde possivelmente circulam conhecimentos que alfabetizam politicamente e fazem parte da constituição de uma identidade militante, ora chamada carreira militante na literatura.

Neste sentido, a revisão teórica deste trabalho traz ao debate os conceitos de *juventudes* (NOVAES; VITAL, 2005; DAYRELL, 2013), engajamento juvenil (BRENNER, 2014; CASTRO, 2008; SEIDL, 2014), repertório organizacional (CLEMENS, 2010), repertório de ação e performances (TILLY, 2008; ALONSO, 2012), redes sociais e esferas da vida (SILVA e RUSKOWSKI, 2010; CARLOS, 2012), alfabetização política (FREIRE, 1997) e identidade militante (OLIVEIRA, 2010; MISCHÉ, 1997), entre outros autores.

O engajamento secundarista durante o recorte da Primavera Secundarista se trata de um ciclo de ocupações de escolas acompanhadas de outras ações coletivas com o mesmo objetivo de fazer certas reivindicações. Neste sentido, falamos de um Confronto Político, que “tem início quando, de forma coletiva, as pessoas fazem reivindicações a outras pessoas cujos interesses seriam afetados se elas fossem atendidas” (McADAM; TARROW; TILLY, 2009, p.11).

Portanto, aqui neste trabalho pretende-se apresentar um resumo da revisão teórica e uma análise preliminar dos dados coletados em campo na pesquisa de mestrado em andamento que busca caracterizar o engajamento secundarista no município de Vitória durante a Primavera Secundarista em 2016.

Tal embasamento teórico tem encaminhado a percepção de que os indivíduos que interagiram desde o nascimento com em esferas da vida ou redes de relações que foram potencialmente construtoras de conhecimentos políticos, crescerão desenvolvendo saberes (teóricos e práticos) motivadores à participação política, modelando uma identidade militante. Este indivíduo passará por um processo gradual de inserção na esfera da vida chamada militância, cujo engajamento pode ser lido pelos repertórios organizacionais e de ação.

Percebemos o interesse dos jovens pela ação política, mas afastam-se das formas institucionalizadas de participação aproximando-se cada vez mais das formas menos organizadas. Logo, as ocupações de escolas aparecem como formas contemporâneas do ativismo secundarista.

## REVISÃO DE LITERATURA

Partimos do princípio que “Compreender a juventude de hoje é compreender o mundo de hoje” (NOVAES; VITAL, 2005, p.109), mais especificamente, consideramos que categoria juventude não é universal, porque não se define apenas pela faixa etária, mas é uma *moratória social*, uma etapa de transição em que os indivíduos “[...] processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania” (NOVAES; VITAL, 2005, p.110).

Em outras palavras, a juventude se constitui “[...] com uma identidade marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc), de gênero e, até mesmo geográficas, dentre outros aspectos” (DAYRELL, 2013, p.66). Como essa *moratória social* traz desiguais formas de viver a juventude, falamos então de *Juventudes* no plural, transitando para a vida adulta em tempos e espaços distintos (NOVAES; VITAL, 2005). Nesse recorte temporal que fizemos para observar as *juventudes* do ensino médio, é preciso especificar o que estendemos por engajamento:

A palavra *engajamento* foi utilizada para definir um amplo espectro de fenômenos sociais. Howard Becker (1960) buscou qualificar o *engajamento* a partir da percepção de que a noção havia sido usada por sociólogos para fins tão variados que já não permitia explicar fenômenos sociais específicos. Para Becker, o engajamento se relaciona com o *comportamento coerente*, o qual pode ser o ativador do engajamento, bem como ser alcançado a partir dos engajamentos. A *coerência do comportamento* estaria ligada à manutenção de determinadas práticas, como no exemplo dado por Becker: a escolha de uma profissão e a sequência nela ao longo da vida. (BRENNER, 2014, p.35-36)

Para a juventude secundarista, além de ser visto como uma atitude transformadora da realidade social, o engajamento também é “uma oportunidade de novas sociabilidades, propiciando a construção de relações de amizade e de espaços de diversão” (SILVA e RUSKOWSKI, 2010, p.40). Para compreender o engajamento, é necessário entender a socialização política dos jovens:

A *socialização política* é utilizada como melhor termo para explicar os processos de transmissão de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos políticos e representações do mundo. E a compreensão desse processo ajuda a compreender como se concretizam os engajamentos políticos dos jovens pesquisados. (BRENNER, 2014, p.32)

Seidl (2014, p.58) adota “[...] uma visão da sociologia da militância que toma o engajamento como processo”, como uma inserção gradual num espaço de participação política, visto que as motivações ao engajamento podem partir de múltiplos fatores ao longo da vida. Além do sentido relacionado a ação, o engajamento significa também “a “conscientização” e a necessidade de “compreensão do mundo à sua volta” (CASTRO, 2008, p.258).



(Fonte: Facebook / Ocupa Almirante, Vitória-ES)

Neste sentido, Castro (2008) demonstra que, o engajamento “confere aos jovens reconhecimento social e pertencimento” (p.259), pois essas organizações representam para a juventude algo “forte” e “visível” (p.259), que traz um significado mais concreto para suas ações, conferindo-lhes alguma importância.

Brites (2015, p.31) afirma que os jovens “tendem a participar menos em ações políticas formais (trabalhar em campanhas e votar) e mais em formas de ação ligadas às suas comunidades”. Neste contexto, para caracterizar o engajamento secundarista, é necessário identificar também as motivações para a participação política do jovem. Assim como, durante o ativismo, identificar suas formas organizacionais.

Clemens (2010) conceitua Repertório Organizacional como “O conjunto de modelos organizacionais cultural e empiricamente disponíveis” (CLEMENS, 2010, p.165). Para a autora, esses modelos poderiam representar a estrutura das relações internas nas organizações, como também dizem respeito aos roteiros de ação da organização.

Conforme um grupo se organiza de uma maneira particular, adota um modelo específico de organização, ele sinaliza sua identidade tanto para seus próprios membros como para outros. Os modelos de organização fazem parte do ferramental cultural de qualquer sociedade e, assim como preenchem funções instrumentais, preenchem também funções expressivas ou comunicativas. Além disso, a adoção de uma forma particular de organização influencia os vínculos que um grupo organizado estabelece com outras organizações. O modelo de ação coletiva escolhido conforma as alianças com outros grupos e as relações com as instituições políticas. Tanto no âmbito cultural como no institucional, os modelos de organização e de atividade coletiva são mecanismos centrais na transformação dos sistemas políticos. Uma vez que a forma organizacional é vista como sendo simultaneamente uma afirmação de identidade e constitutiva de campos institucionais mais amplos, os movimentos sociais aparecem como não apenas veículos de interesses preexistentes e

causas de efeitos políticos específicos, mas como fontes cruciais de mudança institucional. (CLEMENS, 2010, p.180)

O repertório organizacional pode refletir a imagem da organização da sociedade em geral, e tratando-se da sociedade moderna, no contexto analisado neste trabalho, “o próprio processo de contestação às instituições políticas pode mudar as regras da ação política, ainda que não necessariamente o conteúdo de seus resultados” (CLEMENS, 2010, p.210).

Por sua vez, os repertórios de ação foram conceituados por Tilly:

Um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades (esforço que pode ser chamado de *campanha*); O emprego de combinações dentre as seguintes formas de ação política: criação de movimentos sociais como política, associações e coalizões para finalidades específicas, reuniões públicas, desfiles solenes, vigílias, comícios, demonstrações, iniciativas reivindicatórias, declarações para e nos meios de comunicação de massa, e panfletagem (esse conjunto variável de atividades pode ser chamado de *repertório dos movimentos sociais*). (TILLY, 2010, p.136 – 137)

Partimos do princípio que “O repertório é, então, um conjunto de *formas* de ação” (ALONSO, 2012, p.23). No caso dos secundaristas engajados, se traduzem no conjunto de suas ações de reivindicações e das performances escolhidas. Alonso narra que Tilly queria identificar as formas *políticas* de agir, queria classificar as maneiras possíveis de se fazer política em determinado período histórico, assim pegou emprestado da música o conceito de “repertório”.

O conceito ressaltava a temporalidade lenta das estruturas culturais, mas dava espaço aos agentes, pois que a lógica volátil das conjunturas políticas os obrigaria a escolhas contínuas, conforme oportunidades e ameaças cambiantes – em contextos democráticos, passeatas são mais seguras que guerrilhas; em contextos repressivos, pode bem ser o contrário. (ALONSO, 2012, p.22)

Alonso também nos lembra como, mais recentemente, Tilly estabeleceu “A ideia de repertório como conjunto de *performances*” (ALONSO, 2012, p.29). Logo, podemos ter um repertório com performances internas, dependendo das releituras que os participantes fazem.

Os repertórios existentes corporificam uma tensão criativa entre inovação e persistência, refletindo suas lógicas instrumental e expressiva muito diferentes. A eficácia instrumental de um repertório deriva basicamente de sua novidade, de sua habilidade de, temporariamente, pegar desprevenidos oponentes ou autoridades e de criar exemplos de desordem pública que são custosos aos interesses estabelecidos. O uso repetido do mesmo repertório diminui sua eficácia instrumental e, desta forma, encoraja a inovação tática. Esta é a maior razão para a escalada e a radicalização das táticas em muitas campanhas de movimentos, e leva os movimentos a fazerem concessões às suas facções mais radicais, condenando-os a serem descritos com sucesso como “extremistas” por seus oponentes e pela mídia. (McADAM; TARROW; TILLY, 2009, p.25)

Alonso (2012) sintetiza o conceito de performance de Tilly (2008), mostrando que “Apresentar uma petição, fazer um refém, ou organizar uma manifestação constituem uma *performance* vinculando pelo menos dois atores, um reivindicador e um objeto das reivindicações” (p.30). Ainda observando os conceitos de Tilly, Alonso acrescenta que “Performances se aglutinam em *repertórios* de rotinas reivindicatórias” (p.30).

Os repertórios organizacionais e repertórios de ação serão variáveis auxiliadoras da caracterização do engajamento secundarista durante o evento da Primavera Secundarista no Espírito Santo. O primeiro parece iluminar a forma organizacional da ocupação (formalizada ou menos formalizada; hierarquizada ou descentralizada, etc); aspecto importante na análise da forma ocupação (como os alunos se organizam internamente no ambiente de ocupação).

A segunda ilumina a forma de ação (votar, fazer passeata, ocupação) e a incorporação de performance a esse conceito permite explorar que os sujeitos podem dar sentidos e usos diferentes a uma mesma forma de ação (ocupação). Em síntese, a aplicação de ambos os conceitos (repertório organizacional e repertório de ação) permite explorar uma maior diversidade de elementos constituintes do repertório ocupação (ao mesmo tempo, organizacional e de ação).

A seguir abordaremos o padrão relacional, situando-o também como uma categoria analítica importante na caracterização deste engajamento, dialogando sobre a trajetória que forma uma identidade militante por meio da alfabetização política construída nas relações com as esferas da vida ou redes de relacionamentos desde o nascimento.

As “esferas da vida” e “redes de relações” são dimensões complementares na caracterização do padrão relacional do engajamento estudantil secundarista. Consideramos aqui que a primeira se aproxima mais das relações do indivíduo, e a segunda se refere aos relacionamentos estabelecidos entre os grupos que este indivíduo está inserido.

Para conceituar “esferas da vida”, Silva e Ruskowski (2010) citam Passy e Giugni (2000) definindo-as como “‘regiões’ distintas, mas inter-relacionadas, na vida de um indivíduo, cada uma com suas próprias fronteiras, lógicas e dinâmicas” (PASSY e GIUGNI apud SILVA e RUSKOWSKI, 2010, p.121). Neste sentido, a militância constituiria apenas uma das esferas da vida dos militantes, que se relaciona com as outras esferas (família, trabalho, igreja, estudo, etc.).



Assim, uma perspectiva central a alimentar essa vertente aqui desenvolvida toma a militância como *uma* esfera da vida social. Portanto, a intensidade da relação do indivíduo com esta esfera depende de sua constante interação com outras esferas de vida, como a da família e dos sentimentos, do trabalho, da escola, das amizades, do lazer, etc. (SEIDL, 2014, p.60)

Para além das esferas da vida estão as redes de relacionamento. Segundo Carlos (2012, p.80), “O padrão de ação coletiva do movimento social compreende além da organização formal, redes de relações informais e suas interações relacionais”. Neste sentido, aqui será necessário analisar “as *redes interpessoais e organizacionais* nas quais os jovens se encontram, e como as estruturas diferenciadas dessas redes influenciam na articulação de *projetos pessoais e sociais*” (MISCHE, 1997, p.138), na busca por compreender a influência para a militância que possivelmente essas redes propiciam.

Sem descartar a pertinência da estrutura e dos recursos organizacionais que possibilitam o surgimento dos movimentos sociais, e em contraponto às abordagens centradas no “pertencimento de classe” dos militantes, outro contingente de trabalhos tem salientado a importância dos “laços interpessoais” e das “redes pré-existentes” para a adesão e a continuidade do engajamento em movimentos sociais (GOHN, 1997). Conforme tais abordagens, a vinculação anterior ou simultânea a redes sociais constitui um espaço prévio de socialização, de formação das identidades e de aproximação das principais lideranças, organizações e princípios ideológicos que elas defendem (DIANI e McADAM, 2003). Por isso, as “disposições psicológicas”, os recursos organizacionais e institucionais, bem como as características de classe, somente funcionam como condições efetivas de engajamento quando aparecem associadas à existência de laços interpessoais e de vínculos anteriores com participantes dos movimentos. (OLIVEIRA, 2010, p. 52-53)

Oliveira (2010) defende a análise do engajamento individual enquanto processo, o que ele chama de “carreira”. Neste sentido, ele observou as condições sociais dos militantes tal como as relações que incentivam o engajamento, “nos colocando numa posição intermediária entre as abordagens centradas exclusivamente na posição de classe e as que fazem das redes sociais o determinante da ação coletiva” (OLIVEIRA, 2010, p.50).

Mische, por exemplo, analisou a constituição da identidade militante pelo contexto:

Meu argumento básico é que o período anterior, de 1960 a 1968, serviu como um nexo para a concentração de identidade. A identidade forte de “estudante” se tornou um prisma para múltiplas dimensões dos projetos emergentes dos jovens da classe média universitária, dentro de uma dinâmica radicalizante de oposição política. Isso não se deve a uma lógica intrínseca ou “destino histórico” de estudantes como categoria social, mas resultou da estrutura específica de suas redes sociais, concentradas principalmente na família e, mais importante ainda, nas universidades. Em contraste, o período posterior de reestruturação democrática, nos anos 80 e 90, é caracterizado pela dispersão crescente das redes juvenis. Os anos formativos dos jovens não são limitados à família e às universidades, mas acontecem em contextos sociais, culturais e políticos mais diversos, englobando um campo maior de possíveis (e às vezes contraditórios) projetos pessoais e coletivos. Por isso, a categoria de

“estudante” não tem a multivalência necessária para servir como um prisma para a diversidade de projetos-em-formação dos jovens nos anos 90. Daí a necessidade de uma identidade mais abrangente (e ambígua), evidente no universalismo formal de “cidadão” (MISCHE, 1997, p.140).

Entretanto, Oliveira (2010) quer entender as “sequências do processo que conduz à participação efetiva” (p.53). Nesta análise das carreiras, o autor destaca que o grande desafio é compreender os “processos de socialização e de geração das disposições propícias à participação nas organizações e movimentos sociais” (p.54). Até alcançar o que Oliveira chama de “fase militante”, há um processo:

De modo geral, o engajamento e a militância [...] são precedidos pela interação, contato e conversação com parentes, namorados (as), amigos (as), colegas, professores (as) etc., que conhecem ou participam de determinada associação. [...] A partir desses contatos iniciais sucede-se um momento distinto que é constituído pela aproximação, observação e frequência continuada a reuniões e a certas atividades da organização, antes de “começarem mesmo” a ter uma militância mais efetiva. Esta desemboca, quase sempre, na ocupação de posições e cargos de direção dentro das associações, assim como de conselhos, comitês e demais instâncias voltadas para a defesa ambiental. Este período pode ser denominado como a “fase de militante”. (OLIVEIRA, 2010, p.55)

Neste sentido, Oliveira quer guiar nosso olhar para uma “análise *processualista* da ação militante e que considera a multiplicidade de *fatores* e de *lógicas sociais* que concretamente tornam possível a participação” (OLIVEIRA, 2010, p.57). Logo, é preciso sensibilidade do pesquisador para identificar experiências que aproximaram o indivíduo do engajamento, ou seja, observar uma série de acontecimentos que motivam a atividade política da juventude até concretizar o engajamento.

Deste modo, para compreender concretamente os processos de engajamento e desengajamento e a permanência na militância, o observador deve apreender, tanto pelos relatos biográficos quanto pela observação etnográfica, o desenrolar e a imbricação de diferentes “ordens de experiências”, “umas em relação com as outras”, vividas pelos atores dentro de alguns “submundos sociais” (profissional, afetivo, familiar, militante etc.). Essa análise relacional das distintas “ordens de experiência” nas quais os atores se encontram inseridos permite apreender as lógicas que conduzem ao engajamento e à permanência na militância como resultado de constrangimentos específicos relacionados aos locais, aos itinerários individuais e aos espaços sociais dentro dos quais os atores estão inseridos. (OLIVEIRA, 2010, p.58)

As tendências da modernidade deslocaram o indivíduo daquele isolamento da sociedade pré-moderna modificando as dinâmicas da vida social e o trazendo para um espaço onde “Significado e identidade passaram a ser menos característicos de algum “mundo da vida” estável e mais uma realização social colaborativa” (McADAM; TARROW; TILLY, 2009, p.29). Neste sentido é que o indivíduo não faria uma escolha racional em ser

militante, ser engajado, e sim construindo uma identidade militante através de fenômenos motivadores nas relações das redes entre indivíduos e esferas da vida.

A maior parte dos movimentos não surge porque os *outsiders* são induzidos a se juntar à luta; ao invés, eles são agregados a partir da solidariedade e dos compromissos ontológicos das estruturas primárias de mobilização do movimento que estão, por sua vez, ligadas às comunidades de identidade comunicadas por meio de redes sociais. (McADAM; TARROW; TILLY, 2009, p.32-33)

Essa visão ampliada do jovem que se envolve em engajamentos políticos é resultado do conhecimento político construído num processo gradual de interações nas redes sociais e entre as esferas da vida desde o nascimento, ou seja, aprendizagens políticas que aqui nomeamos de alfabetização política e possuem potencial para motivar engajamentos políticos, tal como detalharemos a seguir.



(Fonte: Facebook / Ocupa Maria Horta – Pintura feita no pátio da escola, Vitória-ES).

Paulo Freire conceitua a alfabetização política, considerando que só existem dois métodos educativos: “o primeiro, o da educação visando a domesticação do homem; o segundo, o da educação que visa a libertação do homem” (FREIRE, 1997, p.21). O primeiro método, da domesticação, significaria:

Esta política educativa, quer os seus aderentes disso estejam conscientes ou não, tem como centro uma manipulação das relações e dos pontos de referência entre mestres e alunos; estes últimos são os objetos da ação dos primeiros. Os iletrados, como recipientes passivos, têm de ser “enchidos” pelas palavras que lhes transmitem os seus instrutores; eles não são convidados a participar de maneira criadora no processo de ensino. O vocabulário que lhes é ensinado, e que provém do mundo cultural do instrutor, chega-lhes como alguma coisa totalmente “à parte”, como alguma coisa que pouco tem a ver com a sua vida de todos os dias. (FREIRE, 1997, p.22)

Paulo Freire discorda da existência de uma “educação neutra”, afirmando que “a educação não pode senão aspirar ou à domesticação, ou à libertação. Não há terceiro caminho” (FREIRE, 1997, p.23). A instituição educativa ou esfera da vida que escolhe se abster de ensinar política ao indivíduo, em si, já fez uma escolha com consequências políticas. Mas há alternativa para substituir a educação domesticadora:

Na educação para a libertação, o instrutor convida o aluno a conhecer, a descobrir a realidade de maneira crítica. Assim, enquanto a educação em vista da domesticação procura consolidar a falsa consciência de modo a facilitar a adaptação à realidade, a educação para a libertação não consiste apenas em

impor a liberdade. A razão disso é a seguinte: enquanto no primeiro processo, há uma dicotomia absoluta e rigorosa entre aqueles que manipulam e aqueles que são manipulados, no segundo processo, não há sujeitos que libertam e objetos que são libertados; não há dicotomia. O primeiro processo é de natureza prescritiva; o segundo, de natureza dialógica. O primeiro concebe a educação como o dom ativo e a recepção passiva de idéias entre duas pessoas; o segundo concebe o fato de aprender como um processo ativo levando à transformação que principia por ele-próprio. (FREIRE, 1997, p.24)

A educação domesticadora formaria então analfabetos políticos, que Paulo Freire conceitua como alguém para quem “o real é um fato dado uma vez por todas, qualquer coisa que é o que é, e que não se vai transformado” (FREIRE, 1997, p.24). A falta de alfabetização cidadã deixa uma lacuna na percepção histórica, espacial e temporal da constituição dos fatos.

A sua concepção da história é, pois, puramente mecanizada e, por vezes ao mesmo tempo, fatalista. Para ele, a história pertence apenas ao passado; não é o que evolui hoje ou o que evoluirá amanhã. O presente é qualquer coisa que deve ser normalizada, e o futuro, mera repetição do presente, deve ser também normalizado, isto é, o *status quo* deve ser mantido. Por vezes, o analfabeto político apercebe o futuro como não sendo exatamente a repetição do presente, mas como alguma coisa de preestabelecido, de dado antecipadamente. Mas uma e outra concepção são concepções “domesticadas”: uma escraviza o futuro ao presente, o qual deve repetir-se; a outra reduz aquele a qualquer coisa de inevitável. (FREIRE, 1997, p.25)

O centro da teoria de “alfabetização política” de Paulo Freire é a conscientização: “processo pelo qual os homens se preparam eles próprios para inserir-se de modo crítico numa ação de transformação” (FREIRE, 1997, p.28). Trata-se de não reconhecer o mundo como algo estático, mas perceber suas dinâmicas, porque “Se os homens não abordam o mundo de modo crítico, a sua aproximação é ingênua” (FREIRE, 1997, p.28). Nesse mesmo sentido:

Foi junto dos alunos que têm um clima de sala de aula aberto que Cristina Azevedo encontrou maiores níveis de participação. Há uma variação bastante positiva entre um maior grau de instrução e os graus de participação. “Os jovens mais instruídos são mais ativos, têm mais consciência cívica e fazem mais uso dos direitos de cidadania. (BRITES, 2015, p.30)

A presente revisão teórica tem demonstrado que os indivíduos que participam de esferas da vida ou redes de relações com capacidade de alfabetização política crescerão em contato com conhecimentos políticos possivelmente motivadores do engajamento, e essas aprendizagens oportunizam a construção gradual de uma identidade militante. Buscaremos confirmação para essa constatação teórica durante as análises dos dados da pesquisa de campo.

## METODOLOGIA

Após definir, por meio da revisão de literatura, o que queremos dizer quando falamos de *juventudes* e de engajamento, as visitas para observações simples e participantes nas ocupações e atos de rua foram os primeiros contatos com o sujeito em ação para caracterizar o objeto. Não foram ações feitas necessariamente nesta ordem, primeiro teoria e depois a visita de campo, mas foram construídos simultaneamente, visto que as ocupações nos surpreenderam antes que a revisão de literatura estivesse pronta, ou seja, o campo de pesquisa e a teoria moldaram-se e complementaram-se um ao outro.

Durante as visitas e acompanhamento de sete escolas ocupadas no município de Vitória, aplicamos questionários para personagens que se destacavam nas ocupações. Os alunos respondentes são majoritariamente do 1º e do 2º ano do ensino médio. Esse fato possivelmente se justifica pelo período da Primavera Secundarista, que aconteceu no último trimestre de 2016, época em que os alunos do 3º ano estavam se formando.



Como os alunos do terceiro ao já estavam se despedindo da escola, como já iniciaram um processo de desvinculação da instituição, é compreensível ficarem menos estimulados a participarem das ocupações. Então quando observamos a idade dos alunos, entre os 15 respondentes, 12 já estavam na faixa dos 16 aos 18 anos, por isso achamos interessante investigar sobre o exercício do voto, uma participação mais formalizada:



As escolhas eleitorais dos alunos votantes tiveram justificativas variadas, mas a palavra “propostas” se repetiu em todas elas. Dos 3 alunos com 16 anos, ninguém tirou o título de eleitor. Dos 5 alunos com 17 anos, apenas 2 tiraram o título de eleitor e começaram a votar. Dos 4 alunos com 18 anos, ainda havia 1 sem o título de eleitor. Neste total de 12 alunos com possibilidade de votar, apenas 5 são eleitores ativos. Neste movimento de afastamento das participações mais formalizadas via instituições tradicionais, emergiu a necessidade das entrevistas em profundidade, e a curiosidade de vê-los comparando seus padrões organizacionais e relacionais em grupos focais.

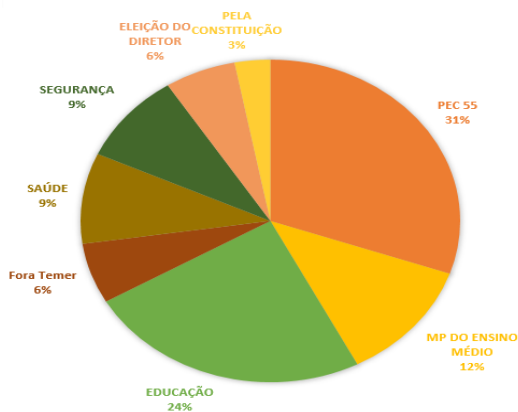
Este último instrumento, por sua vez, ainda não iniciamos. As dificuldades logísticas e motivacionais para realização das entrevistas aumentaram significativamente após as desocupações, com a dispersão dos alunos. Entretanto, mesmo com uma assumida dificuldade em concluí-las, as entrevistas então em andamento, e algumas informações riquíssimas já puderam ser confirmadas nas entrevistas individuais antes mesmo de chegarmos a culminância dos grupos focais, como apresentamos no tópico a seguir.

## RESULTADOS

Sobre Repertório Organizacional, o quadro a seguir apresenta trechos de entrevistas realizadas com alunas das respectivas escolas que selecionamos para o estudo de casos comparados por serem exemplos representativos dos padrões organizacionais e relacionais que se manifestaram nas escolas observadas em Vitória - ES.

	ALUNA DA ESCOLA ALMIRANTE	ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL
Como organizaram a rotina na ocupação?	A gente começou a organizar as comissões, porque estudamos “teoria da ocupação”. Em nossa primeira reunião havia algumas pessoas que já ocuparam o palácio, já ocuparam a SEDU, e essas pessoas foram falando como fazer. Minha mãe conseguiu um contato de um estudante do Paraná, trocamos ideias por whatsapp. Mas tivemos uma diferença entre o governador deles e o nosso imperador Paulo Hartung, nós tivemos mais problemas do que eles. Nós trocamos ideias com organizações estudantis, como UBES e UESES, mas só conversamos.	O grêmio já era dividido em funções, então foi natural dividir comissões. Teve uma primeira experiência no Paraná que deu certo, então a UBES já pegou aquilo e distribuiu.

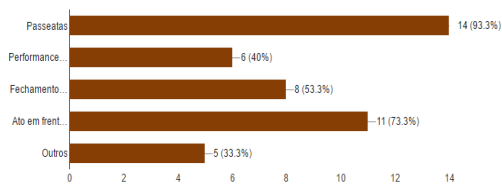
**QUAIS SÃO AS REIVINDICAÇÕES DA PRIMAVERA SECUNDARISTA?**



Na Primavera Secundarista as pautas nacionais se destacaram: contra a PEC 55, pela qualidade na educação e contra a Medida Provisória sobre Reforma do Ensino Médio. Mas também apareceram pautas locais: eleição para diretor, e reivindicações que fogem ao âmbito escolar: saúde, segurança, defesa da constituição e até alguns “Fora Temer”.

	ALUNA DA ESCOLA ALMIRANTE	ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL
Quais são as reivindicações dos Secundaristas?	<p>Liberdade de expressão, aumento da tarifa, reforma da previdência, são reivindicações para a diretora da escola e reivindicações para o governador. Tem assuntos desde o banheiro da escola que precisa de conserto, até a reforma do ensino médio. Pautas, locais, nacionais e até internacionais: como o nosso pré-sal. Tudo começou nas ocupações do Sul do país contra a reforma do ensino médio e a PEC 241 que eram principais, e outras: a escola sem partido, o grêmio livre. Essa era a pauta básica das escolas. Já na ocupação da SEDU, foram inseridas pautas locais: a falta de uma universidade estadual, problemas da escola viva, grêmio livre e eleição para diretor.</p>	<p>O movimento secundarista é regido pela UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, que é quem representa a gente legalmente no Brasil hoje em dia. Aí tem a também a estadual, que é a UESES. Existe toda uma organização por traz disso. Atualmente, ainda estamos na onda da PEC, da lei da mordada, que são pautas de sempre. É como se fosse um calendário com pautas organizadas, mas na verdade, a juventude organizada que faz assim, claro que tem as outras juventudes que preferem ir fazendo. Tem as pautas estaduais, como a eleição do diretor, uma universidade estadual, a tarifa zero, etc.</p>

Além da ocupação das escolas, quais outras formas os secundaristas utilizam para se manifestar?



As ocupações foram o repertório principal, mas também se destacaram as passeatas, os atos em frente aos órgãos governamentais e o fechamento de vias públicas como principais atos de reivindicação.

Repertórios?	<p>Vai do mínimo ao máximo: de fazer uma intervenção no recreio a fechar ruas e ir para frente de instituições. Ocupação, fechamento de avenidas, produção de conhecimento: foi uma forma escolhida para reivindicar, porque com acesso ao conhecimento a gente reivindica melhor.</p>	<p>Geralmente as pautas de reivindicações ocorrem em "atos", porque ato é significativo, antes do ato a gente faz palestra para explicar os motivos do ato. E isso é decidido democraticamente: como você acha que a gente vai atingir a população que não tá sabendo disso?</p>
--------------	--	--

Novamente, os perfis organizacionais das ocupações aparecem nas falas das alunas entrevistadas das duas escolas comparadas no estudo de caso como sendo resultantes dos perfis relacionais. Logo, as escolas que estabelecem relacionamentos com organizações estudantis, guiam sua organização e ação conforme orientações hierarquizadas dessas organizações. As escolas que não estabelecem fortes ligações com organizações estudantis apresentam mais pautas locais, porque suas reivindicações partem das necessidades cotidianas e não apenas de uma agenda organizada nacionalmente.

Sobre performances, uma variação de comportamento interessante destacou-se no repertório de uma vigília realizada em frente a ocupação da Secretaria de Educação, organizada por membros da arquidiocese de vitória em parceria com o movimento pelos direitos humanos e demais cidadãos apoiadores da ocupação que ali acontecia sob forte repressão.

Entre as canções, entoaram “Coração de Estudante” de Milton Nascimento, num momento de fortes emoções, os onde alunos passaram os braços pelas grades e cantaram de mãos dadas com os presentes em frente a instituição, formando uma grande roda. Essa reinterpretação da ocupação como lugar de mística entre ocupantes e apoiadores demonstra uma performance.

Durante a visita à EEEM Prof. Fernando Duarte Rabelo, a representante do grêmio foi enfática ao dizer que os secundaristas não levantam bandeiras partidárias, e que no movimento de ocupação das escolas ninguém sequer cita esses termos “direita ou esquerda”. O movimento é um repertório dos secundaristas contra a PEC 241 e só. Recebem apoio de organizações estudantis como UESES – União dos Estudante Secundaristas do Espírito Santo e UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, mas esse apoio é apenas discursivo, não possuem uma relação hierárquica, mas cada escola tem uma organização independente.

Tentando esclarecer essas informações, a representante acrescenta ainda que cada escola ocupada possui uma identidade, manifesta seus interesses, suas características locais, e por esse motivo, não haveria uma ocupação exatamente igual a outra. Em outras palavras, a fala dessa aluna deixou claro que a pauta de reivindicação é a mesma, o repertório de ocupação é o mesmo, mas as performances são diferentes.

Essas diferenças moram nos detalhes dentro da ocupação, nas adaptações que cada escola fez sobre o modelo de ocupação descrito nas orientações das escolas de outros estados

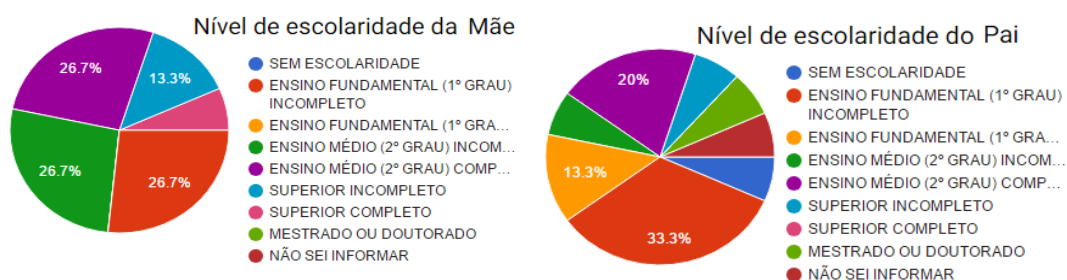


que ocuparam anteriormente. Como exemplo disso, identificamos uma escola que separou equipes de limpeza, enquanto outra considerou que o serviço da limpeza era pesado demais para ficar na responsabilidade de um grupo apenas, e decidiu que todos os ocupantes limpariam juntos. Algumas escolas tiveram o hábito de incluir shows e atividades culturais durante suas programações, outras focaram mais em aulas e organização do espaço.

O padrão relacional ficou nítido nos primeiros dados coletados, e sempre relacionado ao padrão organizacional, fato que reforçou a importância de trabalhar com essas categorias analíticas na caracterização do engajamento durante a Primavera Secundarista em 2016. Observamos as esferas da vida e redes de relações, lembrando que aqui neste trabalho decidimos ler as esferas da vida como relacionamentos do indivíduo e as redes sociais como relacionamentos entre os grupos que este indivíduo estiver inserido.

Em outras palavras, aqui decidimos dar um tratamento mais individual para “esferas da vida” e um sentido mais coletivo para “redes de relações”. Além disso, escolhemos a alfabetização política como forma de caracterizar a identidade militante, visto que identidade não é uma variável de simples operacionalização. Consideramos que a alfabetização política se resume nos conhecimentos políticos adquiridos, e que tais saberes induzem escolhas ideológicas e iniciativas de ação, portanto, a identidade militante é constituída conforme o indivíduo é alfabetizado politicamente.

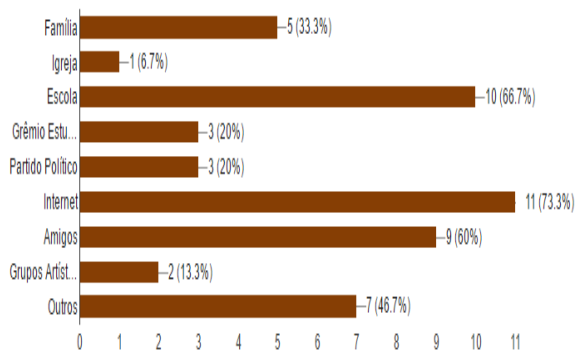
Sobre as esferas da vida, começamos investigando no questionário a escolaridade dos responsáveis, visto que parte da literatura indicou a família como sendo forte influência ao engajamento da juventude, tanto quanto em seu desengajamento. Inclusive ressaltando o papel dos pais neste processo, em especial, dos pais que já possuem o perfil de sujeito politicamente engajado, uma trajetória militante, para a motivação, e dos pais muito conservadores, para a repressão da identidade militante.



Ficaram empatados 3 níveis de escolaridade da “Mãe”: Ensino Fundamental Incompleto, Ensino médio Completo e Ensino Médio Incompleto. Sobre a escolaridade do “Pai”, predominantemente não concluíram o ensino fundamental, mas também houve uma parcela menor dos que concluíram o ensino médio, e outros números ainda menos significantes dos que chegaram até o mestrado ou doutorado, nível que sequer apareceu na escolaridade das mães.

Em resumo, os baixos níveis de escolaridade demonstram que os estudantes engajados não são necessariamente incentivados por pais que possuem avançados níveis de conhecimentos políticos teóricos, mas também precisamos compreender que há várias formas de engajamento que não estão diretamente relacionadas com o nível de escolaridade. Além disso, a família também ocupa lugar de desincentivo, conforme suas orientações político-ideológicas, pouco relacionadas com o grau de instrução. Ao serem perguntados sobre as esferas da vida em que aprenderam sobre política:

Em relação ao que você sabe sobre política hoje, marque em quais esferas da vida você aprendeu:



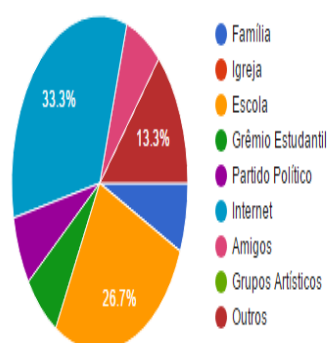
A esfera da internet aparece em 1º lugar, e o questionário mostrou que essa pergunta precisa ser mais refinada, porque há uma grande diferença entre ler um blog de um doutor pesquisador da área de ciências políticas e ler postagens de anônimos no Facebook, que podem conter informações falsas, sem compromisso com comprovações empíricas.

Sobre a Escola, os Amigos e a Família, que ficaram respectivamente em 2º, 3º e 4º lugar, não foram informações surpreendentes, porque a revisão de literatura já mostrava essas tendências. Mas a opção “Outros” despertou uma curiosidade à mais, já que os alunos não especificarem essa resposta, não deram maiores informações, então não foi possível identificar exatamente do que se trata: outra informação a ser refinada durante os grupos focais. E a inexpressividade do grêmio estudantil só comprova a dificuldade que os estudantes possuem para a implementação e fortalecimento das ações do mesmo nas instituições escolares, sob constantes empecilhos criados pelos próprios diretores. Fizemos a mesma investigação na entrevista individual:

	ALUNA DA ESCOLA ALMIRANTE	ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL
Esferas da Vida que motivam o engajamento?	Se a escola foi feita para formar cidadãos, como formar sem política, sem engajamento, sem crítica? O Grêmio é importante, as escolas que possuem grêmio são mais engajadas, é uma forma de exercer democracia no meio escolar. A escola não proporciona isso. É nas relações que a escola te proporciona com o colega, com o professor. Não é a instituição, não é o que está no currículo escolar que faz você ser engajado em política, são as relações que você conquista nesse espaço.	É muito difícil uma família incentivar o jovem ir lá. Então, eu acho que vem muito de amizade, quem já é do movimento estudantil, que conhece fulano, que é amigo de ciclano, que aí vai falando. Vem muito da internet, porque aí você compartilha que vai ter um "ato", e você tem certeza que vai atingir no sentido de "ver". Infelizmente a gente não tem a mesma proporção de "Vi" e de "Vou" no ato. E dentro da escola, indico o grêmio.

O grêmio estudantil, a internet e as amizades construídas na escola, principalmente com amigos já engajados, são as principais esferas da vida citadas como motivadoras ao engajamento. Aqui a família aparece como “difícil” incentivadora. Voltando ao questionário, afunilamos a pergunta para encontrar uma esfera da vida predominante:

Se você pudesse escolher apenas uma esfera da vida em que a aprendizagem política foi predominante, seria:

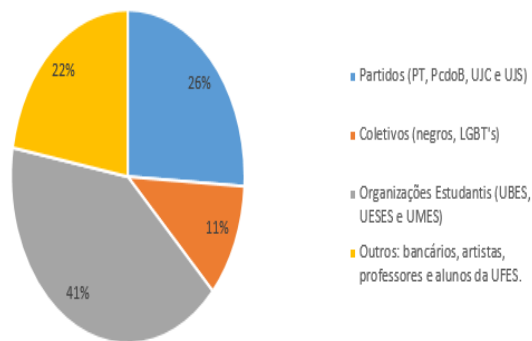


Aprofundamos para que escolhessem apenas uma esfera da vida em que a alfabetização política foi predominante. A “Internet” apareceu mais uma vez em primeiro lugar e a “Escola” em segundo. Mas dessa vez, a opção “Outros” atrapalhou a leitura do terceiro lugar, já que eles não especificaram sobre o que exatamente se referiam.

Sobre as redes de relações, um problema com os professores das escolas ocupadas foi unânime: nem todos apoiaram as ocupações, mas até os que foram favoráveis, não podiam ser muito presentes, porque eram censurados pela direção da escola a não se envolver no movimento dos alunos (principalmente os professores em designação temporária).

Por esse motivo, a maioria dos professores presentes nas oficinas eram voluntários, principalmente, alunos e professores da UFES. Uma aluna da EEEM Arnulpho Mattos fez uma afirmação curiosa sobre o apoio dos professores: “Recebemos mais apoio dos professores de humanas, os professores técnicos não apoiam”. Justamente os professores das disciplinas que eles apontam como espaços de aprendizagem política. Investigando os apoiadores no questionário, descobrimos:

Quais organizações/movimentos/partidos estão apoiando a Primavera Secundarista no ES?



Os principais apoiadores das ocupações foram as organizações estudantis, mas em segundo lugar aparecem os partidos políticos. Em terceiro lugar aparecem cidadãos de instituições diversas, mas destacam-se também os professores e alunos da UFES, que foram os principais voluntários a darem aulas e palestras durante as ocupações.

Os alunos demonstram compreender as circunstâncias em que os diretores se encontram, visto que não foram eleitos democraticamente e prestam contas a quem os colocou em seus cargos, logo, mesmo considerando justas as reivindicações secundaristas, foram pressionados para impedir as ocupações e obedeceram aos seus superiores.

Investigando também a rede de relações na entrevista individual, e mais uma vez, os padrões relacionais deixam claro que algumas escolas estabelecem relações com organizações formais, e essas parcerias institucionalizadas fortalecem o movimento, mas também observamos a ocupação da escola Almirante, pioneira na cidade de Vitória, onde a fala da entrevistada faz questão de destacar o protagonismo estudantil em detrimento dessas organizações.

	ALUNA DA ESCOLA ALMIRANTE	ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL
Redes de Relações?	<p>As ocupações secundaristas não foram feitas por organizações, nós começamos sem eles. Eles não puxaram uma pauta pra isso. Quem fez? Fomos nós. Os primeiros que decidiram: vamos ocupar isso aqui, são pessoas que não são envolvidas ou organizadas politicamente. Foi um movimento bem horizontal. Citando nomes... Religião: católica.</p> <p>Sindicatos ligados a partidos, UJS (odeio a UJS) UJC, que é tranquilo, e levante popular da juventude.</p>	<p>Começa pela ideologia, você primeiro sabe de que lado você está, depois entende que o movimento estudantil se divide em duas áreas: movimento estudantil/ estudantil político, que você escolhe se vai ter uma organização ou não. UBES e UESES são estudantis, UJS e UJC são políticos, tem a juventude de rua do PSOL, tem grupos religiosos, que eu não sou tão próxima pela minha religião. Sindicatos são o SINDIUPES, o SINDIBANCÁRIOS, SINDIRODOVIÁRIOS e outros, que acabam financiando o movimento estudantil, por exemplo, você vai ter um ato e precisa de um Trio, eles que ajudam.</p>

Sobre a alfabetização política, começamos conversando na entrevista individual sobre o papel da escola em “preparar para o exercício da cidadania”, e que talvez existam outros

espaços além da escola que fornecem aprendizagens consideradas importantes para constituir essa formação. Além disso, buscamos compreender o que eles gostariam de aprender caso essa formação política existisse, o que selecionaram como conteúdos inestimáveis para completar essa formação cidadã.

	ALUNA DA ESCOLA ALMIRANTE	ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL
Existe formação para o exercício da cidadania?	As pessoas engajadas não aprenderam na escola. Mas talvez aprenderam na favela, no ciclo de amigos. Porque a escola abafa engajamento, oprime. Quando a gente se encontra cidadãos, percebendo que temos direitos e deveres, foi porque a sociedade mostrou, não porque escola ensinou. Aprendi a me engajar politicamente porque os meus pais são muito envolvidos nisso.	Tem dois meios de alfabetizar politicamente: primeiramente, a vida. Se você não sabe alguma coisa, vai ficar sabendo pelo jornal, pelos amigos, por um panfleto. E o segundo meio é do lado quem está passando o panfleto, que é quem te puxa pra luta, quem fala a problemática no meio da multidão. Na música também, mas principalmente no movimento hip-hop, por causa das letras, da sua história. A escola também, começa por aí.
Como alfabetizar politicamente?	Eu aprendi que não é lendo a constituição que você estará preparado politicamente, mas quando você reconhece que tem direitos e deveres.	Direita e esquerda: a gente tem que estudar os dois para saber aonde nós estamos. Até porque, para você criticar, você também precisa saber.
Quais são os espaços que alfabetizam politicamente?	Família, Igreja, ciclo de amigos, no futebol que você joga no final de semana. Na escola, é o espaço mais difícil para ter participação política. Outra forma de aprender política é dentro da favela, porque muitas favelas funcionam com auto-gestão, que a população lida bem com o tráfico e com a população dita "de bem" que eu não sei mais o que é, e ali eles conseguem fazer política, e sem um governo corrupto.	Na sociedade falta tanto interesse quanto espaços para aprendizagem política. Tem alguns espaços na ufes onde rolam debates, mas são pouco divulgados. No movimento secundarista, aonde o estudante pode começar, seria o grêmio, e abaixo disso só as aulas de humanas mesmo, tipo filosofia, sociologia, só esses espaços mesmo.

Os espaços citados como alfabetizadores políticos são esferas da vida e redes de relações, reforçando a hipótese de que os conhecimentos políticos da juventude são construídos em relações do âmbito individual, e também nas interações estabelecidas entre os grupos que este jovem é inserido. Em seguida, retomamos uma questão do questionário para compreender o que exatamente os alunos entendem sobre o termo “Política”, ou seja, quais sentidos e significados atribuem a ele.

O que é "Política" pra você?

Toda forma de governar, chegar à uma conclusão com o conjunto, etc.
A relação da sociedade com seus governantes, onde há debates diretos ou indiretos sobre diversos anseios da sociedade, independente da classe social, se estamos em uma democracia como no nosso país.
Forma de representar o povo
Política é o ato de governar,ou participar de decisões, decidir por outras pessoas e representa-las como as da sua casa,familia comunidade etc.
Política é o ato de governar sendo que temos um líder maior para representar a nação e os menores para representar certos territórios dentro da nação
é a liderança de um estado/nacão
nao sei
Administração.
A pergunta é muito vaga pra ser respondida em uma pesquisa assim. Política está no pão que compro de manhã, no ônibus que pago pra ir à escola, na guardinha que abre o portão pra que eu entre na escola, na tia da limpeza que cuida da escola por mim, na professora que ganha pouco pra me dar aula, na minha mãe que briga comigo por me envolver em movimentos sociais, no meu pai que apoia ditadura militar... (reticências&reticências). Política engloba as relações, política engloba até o pensamento. Política é uma bunda mal lavada.
Política consiste em desenvolver a arte de governar, um país, um estado ou uma cidade com todos os seus habitantes dentro e fora do território democraticamente, criar leis e se encaixarem dentro delas. (O que não acontece, né)
UM SISTEMA FORMADO PARA O POVO QUE ELEGE PESSOAS PARA ESTÁ A FRENTE COM OBRIGAÇÃO A CUIDAR DE NOSSA SAÚDE , EDUCAÇÃO , PROTEÇÃO , ECONOMIA E ETC ...
Relação entre governo e população
A forma de organização de um povo, com representatividade popular. Teoricamente.
Política pra mim é quando, os "políticos" lutam por uma coisa coletiva.
politica e quando um grupo de pessoas interessados em alcance de algum tipo de tipo de riqueza seja ela particula ou publica
mas hoje vivemos num pais onde isso tudo e diferente ou ao contrario do que eu disse acima .

Podemos sintetizar dessas respostas que o significado da “política” para os alunos gira em torno de uma forma de governo democrático, onde deveria haver um relacionamento ativo entre cidadãos com seus representantes eleitos, para que esses últimos garantissem a efetividades dos direitos humanos civis, políticos e sociais. Daí entendemos porque os jovens que dizem que não gostam de “política” se afastam das formas institucionalizadas.

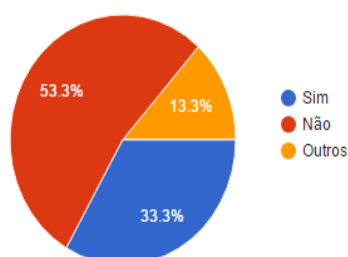
Sobre os valores atitudinais, os alunos citaram: refletir, questionar, criticar, pensar, respeito, companheirismo e amor. Sobre os conteúdos, as disciplinas de Filosofia, História e Sociologia foram citadas várias vezes. Aqui as surpresas foram: capoeira, ética e cidadania, espanhol, astronomia e política, como disse o respondente 11: “não entendo porque não temos”. Foi interessante ver vários alunos acentuando a importância de “todas as matérias”. Foi também um “tapa de luva” ouvir que “Devem primeiro ser exemplos para depois ensinar”.

Uma escola que pretende formar "para o exercício da cidadania" deve ensinar quais conteúdos aos seus alunos:

Conteúdos que nos façam refletir mais sobre o que vemos, ouvimos, aprendemos, etc. Ultimamente a escola foca em ensinar, acho que, além disso, precisamos aprender a questionar, a ver o assunto, a causa, de vários ângulos e não só daquele que é exposto num livro ou da boca de um professor.
Para o exercício da cidadania devem ser abordados conteúdos que nos motive a pensar e criticar, como por exemplo filosofia, sociologia e artes.
Respeito, companheirismo, amor e tudo que envolve uma boa relação entre os todos.
Filosofia,sociologia,espanhol,ed. física e todas as outras matérias são importantíssimas para uma boa formação da cidadania.
Todas as matérias que já são aplicadas no ensino médio e alguns conteúdos a mais como o Espanhol no ensino médio completo e algumas extensões como Astronomia em física
Historia, Sociologia, Filosofia, todos esses conteúdos formam um cidadão.
capoeira
Não conteúdos em si, mas aplicar debates, discussões, etc.
Principalmente Filosofia e Sociologia (matérias que estão em risco de extinção).
Conteúdos que nos fazem pensar, para que possamos observar e escolher um lado. Acho fundamental ter sociologia, filosofia e história!!!
TODOS JÁ EXISTENTES E TAMBÉM POLITICA , NÃO ENTENDO PORQUE NÃO TEMOS.
varios que serão necessarios no futuro
Ética e cidadania.
Devem primeiro ser exemplos para depois ensinar o exercício da cidadania.
táticas para um aprendizagem onde terá conhecimento sobre cidadania

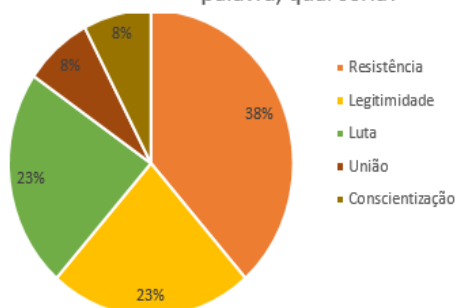
Em seguida foi interessante perguntar se essa formação idealizada por eles era oferecida pela escola, e ainda que a maioria afirmou não receber os conteúdos lhe propiciariam uma “formação para o exercício da cidadania”, foi uma surpresa os 33% que afirmaram receber tal formação, porque somados aos “outros”, que vamos considerar como “a escola oferta parcialmente tais conteúdos”, então estaríamos quase empatados, a ponto de dizer que quase metade das escolas oferta aprendizagens consideradas pelos alunos suficientes para formá-los enquanto cidadãos conscientes.

A sua escola de ensino médio está te ofertando os conteúdos citados na questão anterior?



A nossa hipótese é que as disciplinas de sociologia, filosofia e história, até recentemente obrigatórias, mas ainda em risco com as reformas educacionais em debate, merecem o crédito por essa formação.

Se você pudesse definir a Primavera Secundarista em 1 palavra, qual seria?



Tentando se aproximar ainda mais da palavra que descrevesse a Primavera Secundarista, como forma de compreender a identidade coletiva que foi assumida neste repertório de ocupações, as palavras em destaque foram Resistência, Legitimidade e Luta.

Levando tais investigações sobre a identidade militante do secundarista engajado também para as entrevistas individuais, perguntamos sobre o significado do termo “Primavera Secundarista”, escolhido pelos estudantes para intitular o repertório de ocupações, mas também buscamos compreender os sentidos construídos durante a ocupação, observando os momentos marcantes, as aprendizagens construídas e as expectativas do movimento, visto que, aqui consideramos que alfabetização política constitui uma identidade militante.

	ALUNA DA ESCOLA ALMIRANTE	ALUNA DA ESCOLA ESTADUAL
O que significa “Primavera Secundarista”?	Primavera secundarista, além de ser no período da primavera, remete a coisas boas: transição pro novo.	Para a juventude organizada, esse nome surgiu a partir da UBES. Primavera surgiu com um congresso de mulheres. Ocupamos aqui, mas um ano antes ocuparam em São Paulo e no Rio por causa da CPI da merenda. Você viu que deu repercussão, que atingiram deputados, fizeram CPI, aí vem a nossa ocupação por causa de PEC, lei da mordaca, universidade estadual, e aí você vê que não é uma coisa que para, mas liga uma na outra. Primavera não é relacionado a estação, mas ao grupo: ao florescer, ao criar.
Quais foram os fatos marcantes?	Eu ocupei escola! Eu vi documentários sobre a ocupação de São Paulo e agora eu estava vivendo. Mesmo ameaçados pela polícia que queria fazer boletins de ocorrência, cidadãos comuns compraram colchões novos e começaram a jogar por cima do muro. Esse foi um momento incrível pra mim. Não teve agressão física, não invadiram a escola, mas tivemos violências psicológicas dos policiais armados na frente da escola, cidadãos de direita que iam armados pra frente da escola mandando a gente desocupar, pessoas que passavam xingando na porta da escola. Essa pressão psicológica foi a maior violência.	Tudo foi muito alegre, as aulas foram, mas o que marca mesmo, são três fatores: discussão terrível com o diretor, outro momento que a polícia entrou na escola porque houve denúncia que havia drogas na escola, e uma agressão que eu sofri do guarda.
Quais foram as aprendizagens?	A ocupação atingiu muitas pessoas, nós crescemos. Nós mudamos. Somos mais unidos, ao invés de jogar uno, passamos o recreio conversando sobre a reforma da previdência. Agora quero cursar história e ensinar aos meus alunos como foi a ocupação.	Eu aprendi a ter paciência, a lidar com as pessoas, trabalhar em grupo.
Qual o futuro do engajamento secundarista?	Os secundaristas me lembram uma palavra: surpreender. A gente tem uma galera boa, a gente pode fazer. A gente vai surpreender em 2017.	A expectativa é que assim como a gente faz a diferença no movimento secundarista, que a gente continue fazendo a diferença no movimento universitário. Espero lutas, mas espero muito mais vitórias. Que a gente consiga ter muito mais respostas do governo. Que as pessoas sejam mais conscientes em relação a política, saber em quem está votando, não aceitar dinheiro, fez 16 já pode votar, votar consciente.



## SINTETIZANDO ANÁLISES PRELIMINARES

Baseando-se nos dados coletados até o presente momento, à luz da revisão teórica aqui apresentada, verificamos que o perfil socioeconômico dos engajados variou o suficiente para tornar-se pouco significativo. Os alunos de classes desfavorecida, mesmo precisando trabalhar em algum horário, apoiavam a ocupação em outros turnos. Aqueles que não se engajaram na ocupação, não utilizaram justificativas socioeconômicas, mas sim de questões ideológicas.

As esferas da vida que alfabetizam politicamente e se destacaram, tanto nos questionários quanto nas entrevistas, foram: a Internet, a rede de amigos, a família e a escola, esta última, não como instituição, mas como espaço que proporciona contatos com redes de pessoas/organizações engajadas, ainda que possa ocupar também o lugar contrário, de desincentivo.

A internet aparece como espaço de estabelecimento de redes entre os engajados, como fonte de aprendizagem política e de inserção nos espaços/grupos já consolidados de engajamento. A esfera da amizade é uma grande rede onde amigos engajados convocam novos amigos para o engajamento. A esfera da família aparece como um incentivo condicionado ao posicionamento político dos pais.

Nas escolas que assumiram um movimento estudantil organizado, as redes de relações se manifestaram em parcerias com sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais, entidades diversas, mas principalmente, com organizações estudantis estaduais e nacionais.

Nas escolas que defendem um engajamento menos formalizado e mais horizontalizado, assumiram algum contato com organizações estudantis e aceitaram doações de sindicatos e outros, mas repetem enfaticamente que a Primavera Secundarista foi feita pelos alunos, com alguns apoios, mas com o protagonismo estudantil.

Muitos alunos despertaram seu interesse político por meio do evento da Primavera Secundarista, declarando que nunca haviam participado de engajamentos semelhantes anteriormente, e sequer costumavam se informar sobre política, mas saíram das

ocupações com novos planos de aprender cada vez mais e buscar espaços para se engajarem.

Os que já eram engajados, normalmente estavam ligados ao grêmio estudantil, ou as lideranças de turma e representação de aluno no conselho escolar, nas escolas que não possuem grêmio estudantil, esses espaços substituíam. Assim como, fora da escola já participavam de organizações estudantis, partidos políticos e movimentos sociais diversos.

Alguns foram ativistas apenas durante a ocupação da primavera secundarista, mas afirmam que a falta de ações não lhes tira o título de “engajado”, visto que percebem o engajamento como um estilo de vida, como um posicionamento ideológico, como uma predisposição ao ativismo, e não somente como a continuidade que a literatura sobre engajamento define.

Numa conclusão preliminar, podemos dizer que o engajamento secundarista caracterizou-se por um processo gradual de inserção na militância (que também é uma esfera da vida) começando na esfera da família (quando os pais são engajados), passando pela esfera das amizades que foram estabelecidas na escola, enriquecido com conhecimentos das disciplinas de humanas, somados aos espaços de participação democrática na escola (como grêmios) e na sociedade em geral (como a internet, os partidos, as organizações estudantis e movimentos sociais), constituindo uma identidade militante de um secundarista politicamente alfabetizado nas relações com suas esferas da vida e redes.

Mattos & Mesquita (2013, p.479) mostram que a participação dos jovens pode adquirir um caráter “normativo e subalternizante”, quando eles são convocados por instituições como a escola, governos, movimentos sociais, porque se trata de um chamado “institucionalizado, já mapeado e regrado”. Por outro lado, os jovens não participam apenas em espaços em que foram convocados e autorizados a falar, mas os movimentos de ocupação são traduzidos como “uma voz que perturba justamente por não se adequar ao que se espera daqueles que a articulam”.

Logo, falamos aqui de um hibridismo ou uma combinação entre políticas institucionalizadas e formas de ação horizontalizadas quando observamos que os estudantes ocuparam escolas pedindo reuniões com o governador, ou seja, ocupação e

reunião são ações em esferas distintas, a primeira menos formal e a segunda mais tradicional, combinando diferentes polos estratégicos.

Se a política institucional demonstra sua importância no sentido de pautar processos de negociação e luta da sociedade civil frente ao Estado, via representação e outros canais disponíveis na trama da democracia formal, os coletivos mais autônomos parecem dizer que a construção de outros modelos se faz necessária para a constituição de uma política que considere experiências mais horizontalizadas onde tenham um poder de intervenção maior. (MATTOS; MESQUITA, 2013, p.479)

Os próximos passos da pesquisa são a continuidade das entrevistas individuais até somarmos a quantidade de 10 alunos em cada escola e realizarmos seus respectivos grupos focais com esses 10, comparando as respostas ditas individual e coletivamente. A entrevista individual foi mais aberta, perguntando sobre juventude, engajamento, e movimento secundarista em geral, seus repertórios, redes e esferas da vida, a alfabetização política e as expectativas sobre o futuro do movimento.

De maneira mais objetiva, o grupo-focal dedica-se mais especificamente a Primavera Secundarista, então retoma as categorias analíticas agora para a leitura do engajamento nas ocupações: repertórios organizacionais e de ação, esferas da vida e redes de relações, oponentes e suas reações. O questionário também retoma essas categorias, mas permite organizá-las em ordens diversas que facilitam a leitura dos dados.

O prazo para o encerramento das entrevistas individuais é novembro, para que os grupos focais sejam realizados entre dezembro, permitindo ainda três meses até o prazo final da defesa (de janeiro a março) para o tratamento das informações em formato de gráficos e a produção do texto final de análise com a triangulação dos dados iluminados pela revisão teórica.

## **REFERÊNCIAS**

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. **Sociologia&Antropologia** | v.02.03: 21 – 41, 2012

BRENNER, Ana Karina. Socialização política nos percursos de jovens militantes de partidos políticos. In: **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em**

**educação, mídia e ciências sociais** / Organização de Paulo Carrano e Osmar Fávero – Niterói; Editora da UFF, 2014.

BRITES, Maria José. **Jovens e culturas cívicas**: Por entre formas de consumo noticioso e de participação. LabCom Books, Laboratório de Comunicação Online, UBI – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2015.

CARLOS, Euzeneia. Movimentos sociais e instituições participativas: efeitos organizacionais, relacionais e discursivos. **Tese de Doutorado** apresentada ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

CASTRO, Lúcia R. de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

CLEMENS, Elisabeth S. Repertórios organizacionais e mudança institucional: grupos de mulheres e a transformação da política nos EUA, 1890-1920. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, jan/jul 2010, pp. 161-218.

DAYRELL, Juarez. A juventude e suas escolhas: relação entre projeto de vida e escola. *In*: VIEIRA, M.M.; RESENDE, J.; NOGUEIRA, M.A.; DAYRELL, J.; MARTINS, A.; CALHA, A. **Habitar a escola e as suas margens**: Geografias Plurais em Confronto. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação, 2013, p.65 – 74.

\_\_\_\_\_. Por uma sociologia da juventude. *In*: OLIVEIRA, L. F. (org.) **Ensino de Sociologia**. Desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais. Seropédica/RJ: Ed. UFRRJ, 2013, p. 17-37.

FOLHA VITÓRIA. Sobe para 60 número de escolas ocupadas por manifestantes no Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.folhavitória.com.br/geral/noticia/2016/10/sobe-para-60-numero-de-escolas-ocupadas-por-manifestantes-no-espirito-santo.html>>. Acesso em: 30/11/2016.

FREIRE, Paulo. O processo de Alfabetização Política. Publicado in: FREIRE, Paulo. *Uma educação para a liberdade*. 4ª ed. Textos Marginais 8, Porto: Dinalivro, 1974, p.41-59. Reproduzido in: **Revista da FAEBA**. Salvador, nº7, jan./junho, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

MATTOS, A. R.; MESQUITA, M. R. A participação política de jovens no contemporâneo e seus desafios. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 2013, p. 478-480.

McADAM, D; TARROW, S; TILLY, C. Para mapear o confronto político. Tradução de Ana Maria Sallum. **Lua Nova**, São Paulo, 76: 11-48, 2009.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**. N 5 e N 6, 1997, p. 134-150.

NOVAES, Regina; VITAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. *In*: THOMPSON, A.A.(Org). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. Vários autores./ revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni]. – São Paulo: Petrópolis, 2005, p.107 – 148.

OLIVEIRA, W.J.F. de. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 49-77.

SEIDL, Ernesto. Engajamento e investimentos militantes: elementos para discussão. In: **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais** / Organização de Paulo Carrano e Osmar Fávero – Niterói; Editora da UFF, 2014.

SILVA, Marcelo K.; RUSKOWSKI, Bianca de O. Levante juventude, juventude é pra lutar: redes inter-pessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, Nº 3, 2010, p. 23-48.

TILLY, C. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 133-160.

VILELA, Pedro Rafael. Com mais de mil escolas ocupadas, movimento secundarista não para de crescer. Publicado no site: **Brasil de Fato**, em 21 de Outubro de 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/10/21/com-mais-de-mil-escolas-ocupadas-movimento-de-secundaristas-nao-para-de-crescer/>>. Acesso em: 30/10/2016.